

INVICTA CINE

semanario ilustrado

DE

cinematografia



nº
145

LOST

preço

50

centavos



AGUIA D'OURO

Estreia na próxima 2.^a feira
a super-produção da :FOX:
em que, pela primeira vez,
é apresentada no écran a
- - celebre - -

Legião Estrangeira do Marrocos francês

OS RENEGADOS

Emocionante historia de
amor, de sacrificio e de
heroismo belamente inter-
pretada por:

WARNER BASTER
MYRNA LOY
e NOAH BEERY

Direcção de VICTOR FLEMING





"SINGRANDO CONTRA
TODAS AS PROCELAS."

O Vídeo Cade

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:

N.º 145

REDACTOR PRINCIPAL

ROBERTO LINO

FORTO

ALVES COSTA

E

21 DE NOVEMBRO
1931

Comp. e Imp. - DIARIO DO PORTO

SOUTINHO D'OLIVEIRA

ANO 9

R. S. Bento da Vitória, 10—Telef. 2200

Redacção e Administração: — Rua das Musas, 45 — PORTO - (Portugal).

Conferência feita, através da rádio, pelo snr. J. M. Ramalhete, director da Continental Films

Está praticamente demonstrado que cada filme em exhibição nos nossos cinemas é visto por 150.000 espectadores. Lisboa, conquanto não goze duma população flutuante como Paris, tem no entanto cêrca de 800 000 fogos. Ora, sendo um filme visto por 150.000 pessoas, prova-se que 650.000 não frequentam os cinemas. Porquê?

No tempo do cinema silencioso, a afluência do público era maior; sobretudo, mais espontânea. Veio o sonoro, e notou-se o refluxo dêsse mesmo público. Isto em Portugal e no estrangeiro. Fecharam-se cinemas, centenas de cinemas na America do Norte e até na Europa. Mas assim que o sonoro se apoderou da técnica brilhante do silencioso, o mesmo público, embora em menor número, voltou às casas de espectáculo. Em Lisboa verificou-se até um caso curioso: as platéias desinteressaram-se *relativamente* do cinema e interessaram-se *virtualmente* pelo teatro. Isto demonstra a necessidade de propagandear o cinema e incutir confiança ao espectador desconfiado. Urge afirmar que a cinematografia voltou aos seus tempos áureos, aos seus tempos de apogeu, porque regressou ao caminho magnífico da perfeição.

Porque se retrai ainda o público português!

Temos que considerar algumas causas, a primeira das quais, a crise internacional. A crise prejudicou os exhibidores e lesou o espectador. Devido aos preços, os programas são curtíssimos, não satisfazem em quantidade, e o público declarou-se ludibriado, porque pagou caro e só lhe deram duas horas, ou duas horas e meia de espectáculo.

Antigamente, isto é, nos derradeiros tempos do cinema silencioso um programa compunha-se de:

- Um documentário;
- Um filme de actualidades;
- Outro de desenhos animados;
- Uma comédia de complemento (em 5 ou 6 bobines);
- Uma película de fundo (em 8, 10 ou 12 bobines).

nes). Tínhamos, pois, uma totalidade de 12 a 20 bobines.

Hoje, à semelhança do que se faz lá fora, e devido ao preço excessivo das programações, um espectáculo cinematográfico limita-se a:

- Um filme de actualidades;
- Outro de desenhos animados;
- Cem metros de documentário português;
- Um filme de fundo, que, muita vez, não excede sete bobines.

O espectador compra um bilhete aumentado de cinquenta por cento e assiste a um espectáculo de metragem reduzida de outros 50 %.

O espectáculo cinematográfico, não é demais repetir, é instrutivo e recreativo. O público delectou-se com a tragédia de almas do *Vagabundo Imortal*, e absorveu, sem dar por isso, o documentário tirolês. O público prendeu-se à anedocta singela dos *Cavaleiros da Montanha* e aprendeu e estudou no documentário das neves eternas, sem dar pela lição cultural.

E' êste o grande valor do cinema: instruir, instruir sem fadiga, moralizar, ensinar.

«Pode-se afirmar, escrevia em 1921 Collette, que a quasi totalidade dos membros do ensino público e privado considera a projecção animada como um poderoso meio de educação e instrução».

Até só como recreio, o cinema impõe-se. Não, por princípio nenhum, o público não deve fugir aos cinemas. Temos de chamar os transfugas para essas casas de espectáculo onde lhe proporcionam recreio e ensinamentos.

Há dois filmes portugueses, um 100 %, outro 90 %, que têm encontrado o mais lisongeiro acolhimento por parte do público. Os cinemas conhecem exitos de bilheteira quando apresentam essas películas. Inútil citar-lhes os nomes, não é verdade?

Parece-nos que há um meio eficaz e duplamente interessante, de chamar público aos cinemas: dando-lhe filmes portugueses. A falácia em francês é acessível, mas uma determinada per-

centagem de espectadores não a entende. O cinema falado é, de facto, pouco internacional. Se a falácia é em inglês ou alemão, o problema torna-se mais grave. Pouca gente a entende, e se calha uma gravação imperfeita e descuidada, nem um entendedor apreende coisa alguma.

1980, se tivesse o diálogo em português, pelo sistema *dubbing*, por exemplo. melhor impressão ainda deixava no público que riu com aquela fantasia. *Mam'zelle Nitouche*, se seguisse o processo, teria muito maior efeito hilariante. As legendas, convencêmo-nos disto, não valem um décimo do diálogo, por muito perfeitas que sejam. São, sempre, uma síntese incompleta desse diálogo.

Como reconduzir o público para as salas cinematográficas?

—Fazendo a propaganda do cinema em geral, e da cinematografia portuguesa em particular.

—Apresentando filmes portugueses.

A propaganda do cinema deve ser constante e perfeita. Tem de ser feita, simultaneamente, em todos os pontos do país e pelas formas mais variadas, utilizando todos os veículos publicitários, todos os meios de infiltração, invadindo cidades e aldeias, despertando a atenção e até a sensibilidade das multidões.

A forma racional de propagandear o cinema é a utilização do próprio cinema. Uma câmara de filmar e meia duzia de metros de película chegam para levar o grito aos quatro cantos de Portugal. Pode assim captar-se a atenção de muitos, sobretudo da mocidade, porque o cinema só a mocidade interessa e aproveita.

Far-se-ia, conforme a Rússia fez para a sua campanha do trigo na primavera de 1930.

O problema era curioso e estudado com visão segura e ampla.

A Rússia necessitava de defender as sementes. Então iniciou uma campanha para estimular a população rural. A *Vufku*, direcção das fábricas cinematográficas da Ucrânia, preparou-se para lançar no mercado uma série de filmes demonstrando a necessidade de cuidar das sementes.

E esses filmes, que deram ótimos resultados, versavam os trabalhos agrícolas, problemas de organização, cuidados com o gado, estabulos e caçoeiras, etc.

Os russos exploravam esses filmes em grupos cinematográficos ambulantes que percorriam as povoações sem cinema e os exibiam gratuitamente.

Modernamente, países como a Alemanha e a Inglaterra possuem cinemas ambulantes diurnos, muitos dos quais exibem, em plenas ruas, películas cómicas de certa metragem e de desenhos animados;—isto é, programas escolhidos para crianças.

Nós portugueses podemos e devemos fazer uma obra idêntica. Basta organizar um grupo cinematográfico ambulante, fornecer-lhe programas (documentários culturais, filmes de propaganda agrícola, etc.) e manda-lo correr o país, dando sessões gratuitas, para os pobres e para os trabalhadores.

Fariamos assim a propaganda do cinema; incluiríamos no espírito do povo o gosto pela grande arte das imagens.

Depois utilizaríamos os jornais, fundaríamos até jornais com a grande função de propagandear o cinema, depurar os programas que lançam o

descrédito na provincia, e provocar a abertura de novos cinemas em vilas e até em cidades onde o único divertimento noturno é o café local.

Far-se-iam conferências, inúmeras, sucessivas, em todos os bairros da cidade, favorecendo a propaganda do cinema. Conferências gratuitas, às quais assistisse a multidão mais heterogênea, que compreendesse gente de todas as idades e profissões.

E a palavra, persuasiva e onipotente, faria, só por si, metade da obra a emprender.

Viria ainda a T. S. F. em auxílio da grande causa e que expansão extraordinária ela não vinha dar à propaganda! O grito de chamamento ouvir-se-ia ao mesmo tempo no Minho e no Algarve, na Beira e na Extremadura. A T. S. F. seria o auxiliar precioso, de efeitos práticos, que actoa directamente.

Por outro lado, interessando-se o Estado pelo problema cinematográfico e atendendo ao efeito benéfico desta propaganda de util objectivo, daria o exemplo organizando cinemas nos seus ministérios, à semelhança do que se faz na França, na Itália, na Alemanha...

Registamos gostosamente que o Ministério da Agricultura já possui a sua cinemateca, incompleta, mas em vias de organização. Registamos também que no recente decreto n.º 20.369 o sr. Ministro da Instrução recomenda as projecções cinematográficas de fitas educativas em todos os liceus.

E' muito e ainda é pouco.

No Uruguay, o cinema desempenha um importante papel na instrução agrícola e pecuária; Na Holanda há uma cinemateca com mais de mil filmes históricos; a Inglaterra cultiva cuidadosamente o cinema pedagógico; o govêrno búlgaro subvenciona a confecção de documentários; a Alemanha está à cabeça da produção de filmes culturais, que correm escolas, liceus e universidades.

Todos os ministérios franceses possuem cinematecas, e o Museu Cinematográfico do Estado excede uma colecção de 1.500 filmes, divididos em nove secções.

A «Sociedade Continental de Comércio, L.da» vai, por intermédio da sua secção cinematográfica «Continental-Filmes», cuidar escrupulosamente do problema filmico português.

Caminhamos de vagar, porque não temos pressa e queremos marchar com firmeza. Além de que temos de desbravar caminho. e isto leva tempo e dá trabalho.

Não nos assusta a marcha lenta. O tempo perdido em coisas úteis é sempre um ganho. O trabalho dispendido com coisas necessárias é sempre indispensável; não se pode evitar.

Com o cinema, a T. S. F., a Imprensa e as conferências, julgamos poder fazer a propaganda do mesmo cinema. Está aqui o plano da obra que quizesmos divulgar, a-fim-de confiar aos amigos do cinema o que pretendemos fazer.

Agora—mãos à obra!

En Elstree vai começar muito brevemente a filmagem duma nova produção: *Brother Alfred*. Henry Edwards será o realizador e Gene Gerard protagonista.

Fitas Faladas

Bôa disposição

Cada vez me sinto mais triste por não ter vocação para escrever sôbre assuntos sérios. Não há maneira, por mais que estalfe a imaginação, de conseguir escrever com propriedade e colorido meia dúzia de linhas onde haja ideias ponderadas, onde sejam enfrentados com gravidade os magnos problemas que estão adstritos á arte do cinema. Ainda há pouco, acabando de lêr um substancioso artigo sôbre educação e cinema, cheguei à conclusão pura e simples de que não passo dum inepto, sem qualidades para entrar na austera comunidade dos homens de juízo, onde brilham com extraordinário fulgôr alguns dos meus camaradas no jornalismo.

E que pêna me faz isto! Como deve ser agradável passar, com aspecto superior, por entre alas de gente admirada que, trocando olhares entendidos se acotovela e cochicha:—Ali vae fulano. E' uma grande competência! E enquanto o depósito ambulante de erudição, o autômato do bom senso, se afasta mergulhado, possivelmente, em locubrações profundas, a gente que o admira fica por momentos em extase, que vem a ser quebrado pelo comentário mais adequado à cinéfilologia:—Aquele tipo manda peso!

Tudo isto que acabo de narrar é maravilhoso em relação à celebridade nula dum fabricante de facécias que não pode, ou não sabe, encarar certos problemas com seriedade. O meu sorriso, a minha bôa disposição, o meu humorismo (como dizem certas pessoas que não sabem o que é humorismo) paga um pesado tributo, que não posso invocar sem fazer gemer tôda a minha sensibilidade.

Um cavalheiro diz-me com a maior sisudez e convicção dêste mundo um novo ritmo fotoplástico. Entra em detalhes; faz o enunciado da sua teoria; analisa; distribui conceitos; despeja carradas de técnica; e eu, pobre pessoa, que não nasci fadado para compreender cousas tão graves, pratico a heresia de me deixar rir deante de tanta transcendência e o cavalheiro volta-me as costas considerado-me supinamente tôlo ou ignorante.

Isto foi um exemplo, mas na vida êstes exemplos são de sequência contínua, e aqui está como, por paradoxo, cada vez me sinto mais triste por ter nascido com vocação de ser alêgre.

E já agóra não engeito o meu fadário, antes o procurarei exaltar, fazendo côro com meia dúzia de fabricantes de facécias que, por não compreenderem a vantagem nem a superioridade dos homens austeros que escrevem sôbre problemas graves empoleirados no bom senso, resolveram—essa pobre meia dúzia de destravados—mandar gravar na sua própria consciência:

A maior sabedoria da humanidade consiste apenas em saber rir.

E, então, procuro a bôa disposição necessária para escrever esta secção, ou antes, êste lo-



HAROLD LLOYD

gar comum. Sim porque as «Fitas Faladas» são um lugar comum; mas um lugar comum em todos os sentidos. Desde o lugar comum onde se vão buscar as bases e argumentos para a discussão dum assunto cinematográfico, ao quinzenal lugar comum de *Invicta-Cine*.

Mas como ia dizendo, para escrever esta secção, é preciso sêr-se optimista, bem disposto. E um bom cinéfilo não é com dificuldade que encontra bôa disposição. Quer nos cinemas, quer nas revistas de cinema. E, como excepção que confirma a regra, ouçam:

Sócrates escreveu, num dos últimos números da *Invicta*, um artigo sôbre o contrato de repari-gas para «indicadôras» do Rivoli. Houve quem não gostasse, e como prova do seu apurado «bom gosto» apresentou um trecho de uma carta enviada por uma nossa ilustre «camarada» portuense.

E fiquei bem disposto por saber que a Empresa do Rivoli *sustenta* duas repari-gas que por sua vez *sustentam* a mãe, a tia, os irmãos, e a ama que também as *sustentou* em pequenas.

E' um caso de *sustentação* em triplicado, e cujo principal *sustentáculo* é a Empresa do Rivoli...

O Studio nacional

Vocês devem lembrar-se do studio improvisado no jardim de inverno do São Luiz, para fil-

Concluiu na página «Os Renegados»

ACTIVIDADE CINEMATOGRAFICA EM TODO O MUNDO

Antonio Fagim, parte na proxima 6.ª feira para Paris, acompanhado do operador Manoel Luís Vieira, afim de proceder á escolha do novo material adquirido na capital francesa pela «Continental Filmes» e que vai ser instalado nos laboratórios da Melo, Castelo Branco, L.da alugados por aquela nova casa produtora.

Nos studios da Tobis, René Clair, terminou a montagem do seu novo fonofilme «Viva a Liberdade», estando presentemente a proceder á sonorização de algumas cenas. Esta nova produção do famoso realizador de «O Milhão» deve ser apresentada ainda este ano no nosso país.

Em Lisboa, continua obtendo o maior sucesso a grande produção de Fritz Lang, «Matou». Este super filme deve ser estreado no Porto, no Aguia d'Ouro, no proximo dia 7 de Dezembro.

Pelos arquivos do Ministério da Guerra Francês, são fornecidos uma grande parte dos detalhes técnicos destinados a servir de base a «Mata Hari», historia que será filmada pela «Metro» com Greta Garbo no papel da famosa espia.

Nathalie Bucknall, chefe do departamento de investigações dos studios daquela casa produtora, partiu recentemente para a Europa, a fim de obter documentos e fotografias referentes á vida e ás aventuras da formosa Mata Hari que foi executada em França depois de um conselho de guerra a ter declarado culpada do crime de espionagem a favor da Alemanha.

Segundo a historia da guerra mundial, Mata Hari era, na realidade, de origem holandesa, apesar de se fazer passar por javanesa. A sua encantadora aparência permitiu-lhe descobrir os segredos mais importantes dos movimentos do exercito francês, colocando-a, ao mesmo tempo, fóra do poder dos agentes do serviço secreto.

Ramon Novarro, é o galá desta nova produção na qual desempenha o papel de um homem atraído na sua honra e na sua confiança pela bela espia, mas, por cujo amor, Mata Hari se deixa aprisionar e condenar á morte.

Este novo filme será dirigido pelo conhecido realizador George Fitzmaurice.

Ao contrário do que constava, o grande fonofilme da aviação, «Anjos do Inferno», que em algumas nações tem si-

do proibido, foi visado já pela Inspeção Geral dos Espectáculos sendo, provavelmente, exibido no próximo mês de Janeiro.

A. Cavalcanti, o infeliz director do fonofilme portuguez «A Canção do Berço», está procedendo á montagem do seu último filme «O Capricho Vermelho». E' principal intérprete desta produção Catherine Hessling. Maurice Jaubert é o autor da partitura.

No passado dia 13, exibiu-se, pela primeira vez, com enorme sucesso, no Moulin Rouge, de Paris, o filme «O Rei da Graxa». Georges Milton, é o protagonista.

Edmund Gouling, o celebre dramaturgo e director cinematográfico, foi escolhido pela Metro-Goldwyn-Mayer, para dirigir a adaptação cinematográfica de «Grande Hotel».

Esta peça teatral de Vicki Baum tem obtido grande exito em Nova York durante os últimos anos. Miss Baum achase actualmente em Hollywood, oferecendo deste modo a Gouling uma oportunidade de consulta-la sobre vários detalhes referentes á adaptação cinematográfica. Hans Kraly, escritor alemão, é quem está preparando o dialogo.

O director Gouling é o creador de vários filmes, entre eles: «The Trespasser», «The Devil's Holiday» e «Dancing Mothers».

O novo filme de Josef von Sternberg, «O expresso de Shanghai», no qual Marlène Dietrich desempenha um papel identico ao de «O Anjo Azul» está prestes a terminar. Como se sabe, os restantes interpretes deste novo filme, são: Clive Brook, Warner Oland e Anna May Wong.

«The Cuban Love Song» é o titulo definitivo para «The Cuban», a nova produção de Lawrence Tibbet, que está sendo filmada actualmente.

A canção honónima é tambem uma das mais importantes que Tibbet canta nesta película, a qual mostra vividamente o romance de um marinheiro em Cuba. Tibbett aparece no papel do protagonista, Lupe Velez no de uma encantadora danarina cubana, e Ernest Torrence, Jimmy Durante, Karen Morley, Louise Fazenda e outros artistas notáveis completam o elenco desta produção dirigida por W. S. Van Dyke.

Herbert Stothart escreveu a partitura, colaborando Dorothy Fields e Jimmy McHugh nos números especiais de canto.

Continua a filmagem de *Josse-Goesto Sea* sob a direcção e scrupulosa de Norman Lee.

England Awake é o titulo dum novo filme que será realizado dentro em breve nos Welwyn Studios.

Henri Garat e a encantadora Lillian Harvey, numa cena do fonofilme de Eric Pommer para a «Ufa», «VIENA QUE DANSA», que brevemente será apresentado pela Agencia Cinematográfica H. da Costa, L.da no cine Aguia d'Ouro.



A Metro-Goldwyn-Mayer anuncia ter adquirido os direitos cinematográficos de «Black Oxen», a novela de Gertrude Atherton, que vão levar brevemente à tela sonora.

Esta novela, uma das mais famosas da última década, foi filmada há vários anos num filme silencioso. Trata-se de uma emocionante história da vida real, e, a julgar pelos preparativos que estão sendo levados a efeito nos estúdios, constituirá uma das maiores produções faladas da temporada.

«Stuerme der Leidenschaft», é o título do próximo filme de Emil Jannings para a Ufa. Esta nova produção será dirigida por Robert Siodmack, o realizador do belo filme «Em Redor dum Inquerito».

Aparelhados com máquinas eléctricas que parecem pensar, com novas invenções que têm revolucionado a produção de filmes, e com capacidade suficiente para distribuir todas as cópias prontas aos cinemas do mundo inteiro, os novos laboratórios da Metro-Goldwyn-Mayer, uma das instalações mais vastas desta espécie, foram terminados e começaram a funcionar em Culver City.

Os novos laboratórios, com todas as invenções modernas, são bastante amplos para manejar semanalmente mais de 1.500.000 metros de filmes de impressão positiva, além de 100.000 metros de filme negativo. Podem manejar sem dificuldade a produção total de filmes, incluindo os negativos, carril do som, os filmes em processo de execução e o resto dos detalhes e acessórios que entram na produção.

Estes laboratórios acham-se situados num edifício de aço e concreto, de dois andares, com uma área de doze mil metros quadrados.

Tin Gods, um filme cuja acção decorre na China, e que F. W. Kraemer está realizando, continuou a ser manivelado sem repouso.

Apenas foram exibidas as primeiras provas do novo filme de Norma Shearer, «Private Lives», perante os directores dos estúdios, Una Merkel que representa o papel de «Sybil», recebeu um longo contracto da «Metro».

Miss Merkel, que interpreta a irascível esposa de Robert Montgomery nesta adaptação da peça teatral de Noel Coward, caracterizou com tanta naturalidade as suas tempestuosas queixas e lágrimas nas primeiras cenas do filme que os directores dos estúdios decidiram contractá-la. Vários papéis de importância estão sendo escolhidos para Una Merkel em produções vindouras.

Miss Merkel fez a sua estreia na tela depois do advento do cinema falado. Entre os filmes em que tem tomado parte estão «Daddy Long Legs» e «Don't Bet on Women».

Apenas havia sido coroada «Miss Estados Unidos» num recente concurso de beleza realizado em Oconn Park, Califórnia, Miss Nadine Dore ganhou um contracto com a M. G. M.

A belíssima Miss Dore, que ganhou o seu título contra mais de cem concorrentes de cada estado da União, Americana, vai trabalhar em «Flying High», uma nova produção dirigida por Charles Reisner em que os artistas principais são Bert Lahr e Charlotte Greenwood.

A «R K O», disistiu de filmar a película «Penthouse».

A «Radio Pictures», comunica-nos que o protagonista do filme «The Dove» será Leo Carrillo e não Warner Baster como anteriormente havia sido anunciado.

Esta troca foi motivada pelo facto de a «Fox», empresa a que pertence Warner Baster, não o poder dispensar.

Dolores Del Rio, será a «estrela» do filme em questão. Logo que a linda mexicana termine esta produção, começará a trabalhar em «A Ave do Paraíso».



France Dee, artista americana que esta época nos aparecerá em filmes da Paramount.

Toda a imprensa italiana tem feito grandes elogios à nova produção da «Cines», «A Lanterna do Diabo», filme que foi dirigido por Carlo Campogalliane.

Lilian Harvey e Henry Garaf, os protagonistas do filme «O Congresso que Dança», que brevemente vemos nos nossos ecrãs, serão os interpretes de «La Fille et le Garçon» que Wilhelm Thiele vai realizar.

No penultimo número do jornal «Cinema» fazia-se constar «que INVICTA-CINE fôra adquirida pela empresa do cinema Aguia d'Ouro».

Negamos categoricamente a veracidade dessa notícia e fazemos saber que vamos proceder judicialmente contra o proprietario e director desse jornal, que com esse éco, absolutamente falso, pretendeu colocar-nos numa situação duvidosa perante os nossos anunciantes e perante o público.

O filme de Fritz Lang

MATOU!

na opinião da crítica alemã

Berliner Birsen-Zeitung:

«...é admirável como Fritz Lang conseguiu pôr em cena tão extraordinários tipos de bandidos...»

Berliner Morgenzeitung:

«Este filme de Fritz Lang é artístico e tecnicamente uma maravilha.

«Ha cenas que atingem o grandioso. Fritz Lang e Thea von Harbon realizaram uma obra maravilhosa».

Das 12-Uhr-Blatt:

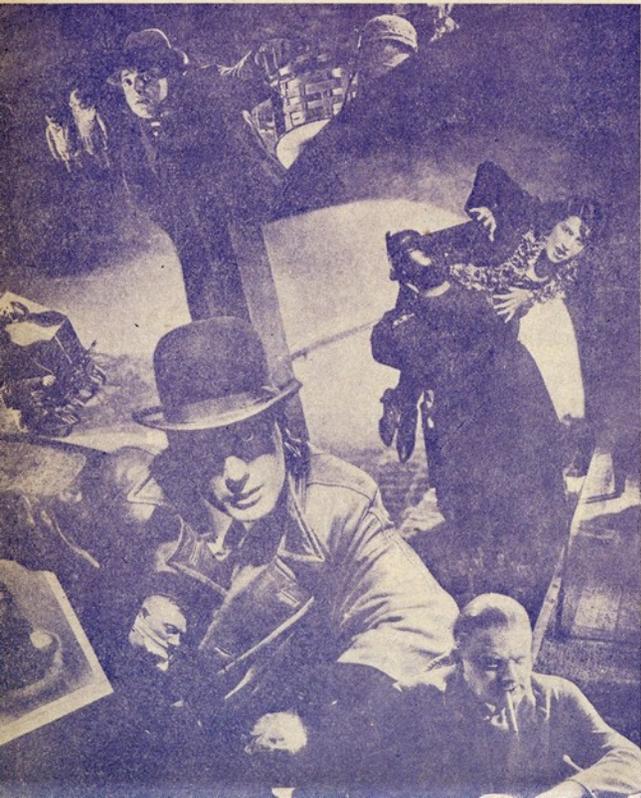
«Mais um grande passo em frente na arte do filme sonoro.

«...Filme admirável sob todos os pontos de vista... O meio em que vivem os criminosos é cheio de vida e de verdade. Ott Wernicke e Gerhard Bienert são esplendidos representantes daquela atmosfera... As cenas em que se apresentam movimentos de massas são extraordinárias».

Berlin am Morgen, Berlin:

«Uma nova utilização do filme sonoro de efeitos extraordinários.

«...O trabalho dos actores é excelente...»



B. Z. am Mittag:

«Uma multidão de factos e de acontecimentos que nos prendem e nos interessam constantemente.

«Que extraordinário trabalho não teria sido necessário para estudar e conhecer tão profundamente os meios em que o filme se realiza: de criminosos, de policia, de redacção de jornais e de mendigos».

Berliner Borsen-Kurier:

«Filmagem e representação excelentes.

«...Os tipos muito bem estudados. Fritz Guass, Rudolf Blumne, Ernest Stahlnachbaud encarnaram-se absolutamente nos seus papeis dando um conjunto incedível... Otto Wernicke, no papel de commissario de policia, faz empalidecer todos os commissarios de Hollywood.

Der Tag, Berlin:

«O ultimo filme de Fritz Lang costuma sempre exceder o penultimo. Este filme, o primeiro sonoro do celebre encenador, não faz excepção á regra.

«A acção é cuidada em todos os detalhes, as cenas são de rara maestria e dominam completamente o espectador.

«Peter Lorve mantém o espectador em tensão permanente».

Berliner Tageblatt:

«Extraordinário trabalho de Fritz Lang... Filme tecnicamente grandioso, com excelentes e novos metodos. Representação maravilhosa».

Charlottenberger Neue Zeit:

«Fritz Lang e Thea von Harbon não esqueceram tambem o humorismo e a sala amiude viva com as gargalhadas dos espectadores...»

«Peter Lowe desempenha muitissimo bem o seu papel, especialmente na cena do tribunal de Ganover, onde se revela um émulo de Werner Krauss e de Emil Jannings. Dos outros sessenta actores ha a distinguir Gustaf Gundgens, como chefe dos bandidos; Rudolf Bluner, como defensor; Paul Kemp, gatuno; Otto Wernicke, no papel de commissario; George John, mendigo cego e Karl Platen, guarda.

«O filme foi sublinhado com ruidosas aclamações».

Deutsche Allgemeine Zeit:

«Este filme que mantém o publico durante duas horas sob uma grande emoção, merece as grandes ovações de que foi alvo como um dos grandes trabalhos do grande encenador».

Arbeiter Politik:

«Este filme é sob o ponto de vista tecnico um filme magistral.

«Peter Lorre representa o assassino psicopata com extraordinaria realidade, com uma arte cenica admiravel que comove e domina».

(Conclui na última página).

DA VIDA

CINEGRAFICA

Clara Bow, como já noticiamos, dentro em breve, volta à actividade dos studios, porém, Fred H. Girnau, o jornalista que a difamou e a pôs no estado de nervos que a obrigou a abandonar o cinema foi julgado num tribunal dos Estados Unidos sendo condenado em oito anos de prisão e 1.000 dollars de multa.

Depois de tudo isto, é muito possível que a empresa produtora que ganhou muitos milhares de dollars com os filmes da Clarinha e que após os «tremendos» escandalos inventados pelo tal jornalista, lançou à margem, venha novamente a chamar ao seu seio a insinuante artista...

—Segundo informam alguns jornais a «Ufa», incontestavelmente a maior casa productora da Europa, vai realizar versões em inglês, nos estuaios de Elstree, de Londres, dos seus filmes de maior sucesso.

A confirmar-se tal noticia, desta vez os americanos sempre perdem um dos seus grandes mercados — a Inglaterra — demais que nesse país tem havido uma certa pressão contra os filmes produzidos nos Estados Unidos.

Esses filmes serão interpretados por artistas ingleses.

—Lewis Milestone, realizador de «Nada de Novo na Frente Ocidental», o filme da guerra que grande successo obteve na última época, tornou-se produtor independente, formando, com David O. Selznich, a «Milestone-Selznich Pictures Incorp», empresa esta que produzirá, anualmente, um minimo de seis filmes dirigidos pessoalmente por aquele realizador, além de outros dos quais Milestone será o super-visor.

—Loretta Young, Sally Blane e Polly Ann Young, são três encantadoras irmãs que ha anos trabalham para o cinema. Presentemente, este formoso trio, faz parte do elenco da «Calumbia».



MARY DORAN

Loretta, está interpretando um dos principais papeis do filme «Galagher»; Sally, é a protagonista de «A Dangerous Affair», com Jack Holt e Ralph Grayes, e Polly, ao lado de Tim Mc Coy, desempenha um papel importante num filme cujo titulo ainda não foi escolhido.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Documentários portugueses - música estrangeira

De há muito tempo, que neste bemdito país se publicou um decreto impondo o hectometro português nos programas cinematográficos; de há igual tempo que estamos habituados a ouvir um bocejo no fim do tal chamado documentário português, a que antes chamariamos demonstração do cinema de actualidades portuguesas. Todavia, como isto já caiu em uso e hábito, como as crianças ao fim do décimo frasco de Emulsão Scott, o público já não faz caras de mau gosto aos filmes documentários nacionais, como motivo visível, terminados agora na sacrossanta frase dos PPP—preferi produtos portugueses...

Com a entrada soléne e triunfal do sonoro, nada lucraram os malfadados filmes nacionais, a não ser umas musicatas que lhes são coladas, e que, graças ao vitafone, são muito indigestas e de mau agrado. Num filme documentário português, exibido, há dias nesta cidade, representando a chegada do DOX a Lisboa, a música colada, foi «Tricanas de Aveiro», que formam mesmo um amor de conjunto.

Como esta barbaridade muitas e muitas outras se cometem a dentro do nosso país, sem que haja quem providencie ou sequer se rale com o assunto; o que interessa e o que importa, é que haja 100 metros de filme nacional.

A vigilante «Sociedade dos Auctores e Compositores Teatrais» que tem sempre a espada desembainhada e um olho tapado para praticar justiça, bem poderia conseguir a promulgação duma lei impondo a obrigação de execução de música portuguesa gravada em discos de industria nacional, próprios para reprodução em aparelho vitafone e não em mêsas de sincronização, como forçadamente sucede no nosso cinema

Para que melhor nos façamos compreender, dos não enfarinhados em assuntos de técnica sonora, explicaremos que o prato vitafone dum aparelho de reprodução sonora dá aproximadamente 18 voltas, enquanto o disco normal e vulgar do gramofone necessita de 70 ou mais. Sucede daqui, a impossibilidade da adaptação da música sincrona ou de acompanhamento, no prato vitafone, sendo necessário recorrer a uma mesa de sincronização

Se se promulgasse uma lei que obrigasse a os documentários portugueses serem acom-

panhados por música portuguesa, gravada em discos portugueses e adaptáveis ao sistema vitafone, haveria logo conseqüentemente o desenvolvimento duma industria e o emprêgo de trabalho temporário para alguns sócios da citada sociedade, pois estamos certos, que não iriam adaptar o «Santo Antoninho» ou «O Vira» aos filmes, mas sim dar-lhes-iam música concordante com o assunto versado.

E' irritante o ouvir uma marcha inglesa, um fox-trot ou uma outra qualquer espécie de música, quando estamos assistindo à projecção dum filme que nos mestra, por exemplo, cenas do Ribatejo ou do Minho; dá uma nota de discordância que se traçuz numa falta de ritmo.

Amanhã, se o nosso alvitre fôsse realizável, a música nacional característica etnograficamente a cada região, teria muito mais cabimento que a actual.

Bem sabemos que alguns directores de som escrupulosos, seleccionam e adaptam cuidadosamente a música dos discos aos filmes nacionais; todavia, e até na maior parte dos casos, sucede que a música adaptada é já música conhecida e temos então além do castigo visual, o castigo auditivo.

Tal como se apresentam, cinegráficamente, os documentários portugueses, continuam a ser uma demonstração de mau gosto. Sabemos bem que o país tem muito rústico pintoresco, mas há, por vezes, exhibições de rotineirismo perante os olhos duma platéa, que não há direito de fazer semelhantes apresentações; fonográficamente, os discos que acompanham estes filmes, são também normalmente ilógicos e tólos. Queremos boa música portuguesa, com bons filmes portugueses; este país onde as leis se cumprem também por rotineirismo, tem por dever mostrar, por meio do grande Baedeker que é o cinema, aquilo que tem de bom, não só perante as plateias nacionais, mas ainda às dezenas de estrangeiros que acorrem actualmente às sessões cinematográficas sonoras. E' uma necessidade urgente actualizar os sons que acompanham os actuais documentários portugueses, pois não formam sentido, certas disparatadas pseudo-sincronizações.

NOBODY.

B O N U S

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas
Ex.mas Empresas dos Cinemas:

PASSOS MANUEL

50 % de desconto em todos os lugares na
matinée do dia 26 de Novembro de 1931.

O L Y M P I A

50 % de desconto em todos os lugares nas
matinées dos dias 26 e 28 de Novembro de 1931

O filme falado que tem admiradores entusiastas e adversários encarniçados, está presentemente em mau caminho. A crítica é francamente má, o público mal humorado, e algumas vezes nas salas obscuras, os protestos elevam-se mais

Sonoro falado ou mudo?

Porque vai o filme sonoro e : falado em mau caminho :

sonoros que o filme sonoro. Portanto, o filme sonoro e falado tendo obtido nos princípios um sucesso fulminante, tinha conquistado o público pela descoberta que dá a palavra às sombras.

A nova mecânica não era todavia de confiança. Seguramente, depois dum período de ensaios e experiências necessárias, ter-se-iam realizado filmes maravilhosos.

Porque se espera então? Porque falhou?

Porque para fazer o 100 oje falado? Os realizadores fecharam-se dentro das quatro paredes dum studio e só produzem falso teatro.

Ora, como escreveu Jacques Faure na «Comédia», «uma comédia adaptada ao écran não pode dar senão uma coisa fechada híbrida e sem algum interesse. Não haverá nesta transcrição amplificada, como imagens e como som, este magnetismo, esta côr, este relevo, esta seqüência directa que fazem o apanágio sem concorrência da cena».

Ajuntariamos que a acção duma peça de teatro, sujeita a alguns décors é forçosamente convencional e não corresponde à realidade. A voz humana, o encanto dos artistas e o palco criam a ilusão necessaria.

Na vida, não se palra durante vários actos e as paixões dos homens seguem a sua crise resolutiva segundo a continuação de acções que implicam não sómente cenas e palavras mas pensamentos, silencias, ruídos, deslocamentos, viagens...

A comédia humana desenvolve-se na realidade segundo o ritmo dum filme que seria ao mesmo tempo mudo, sonoro e falado.

Pelo contrário o cinema actual esforça-se por nos dar o 100 oje falado, como o teatro, esquecendo que a sua voz mecânica e sem encanto deve ser empregada com muita medida e que dispõem —contrariamente ao teatro— de todos os meios de expressão auditivos e visuais, sem limite de tempo, de acção e de espaço.

E' preciso então que o cinema sonoro e falado se divorcie definitivamente do teatro e que se inspire segundo fórmulas artisticas novas conformes à sua técnica particular. E' preciso que os cenaristas aprendam a pensar cinematográficamente e a escrever frases cinematográficas; é preciso que os interpretes não se esqueçam que desempenham diante de micros e não por traz

da ribalta; é preciso que os meteurs-encène mudem radicalmente de mentalidade. Certos realizadores são iliteratos e ingénuos, outros falta-lhes completamente o senso fonogénico. Admiram-se de que o público

ria durante uma cena de amôr, pejada de frases retumbantes, não sabendo que a grande cena de amor é quasi sempre muda—os D. Juans não ignoram isto—e que certas palavras, para comover, devem ser finamente buriladas.

Entretem-se a fazer-nos ouvir o riscar dum fosforo que se acende, ou dum página que se volta—ruídos familiares que os nossos ouvidos não notam na vida real—e despresam a potente evocação de certos ruídos, tais como, o tictac dum despertador, os gritos na rua dum vendedor de jornais, a música dum gramofone que se ouve atravez dum tabique. Eis os ruídos que, na acção dramática enquadram os silências e sublinham as frases que para o cinema especialmente devem ser nitidas, curtas e harmoniosas.

Um bom filme sonoro e falado, deve criar ao mesmo tempo a emoção auditiva e visual; é preciso que o cenário, solidamente concebido, não se encerre na acção dentro de quatro paredes, mas que percorra as cidades, o campo, o mar e o céu; que a sonorização seja inteligente e o texto hábilmente escrito. E' preciso igualmente que todos os realizadores dum filme sejam não sómente técnicos, mas também artistas capazes de crear a ilusão e de fazer esquecer que o cinema falado fica sendo apesar de tudo uma mecânica complicada.

Os pessimistas preconizam a volta ao filme mudo, o que é absurdo, porque nunca se viu a humanidade abandonar uma descoberta, só porque ainda não chegou ao máximo.

Nós estamos, ao contrário, persuadidos que o filme sonoro e falado está destinado a um sucesso prodigioso que nos reserva maravilhas, mas que é preciso esperar; neste momento nós estamos com os adversários e dizemos que elle vai em mau caminho.

Fingé-Florian.



WILLIAM HAINES

Protagonista do filme «O novo campeão» que se exhibe no Olympia e que esta época nos aparecerá ainda em «Rei do Volante» e «Coração de Marinheiro»

Está terminada o filme *Gipsy Blood*, dirigido por Ceal Lewis, que transporta novamente para a tela a formosa opera de Bizet: «Carmen». Muitas cenas desta nova produção de «British» foram filmadas em Espanha assim como uma grande tourada que é considerada como uma das maiores atracções de *Gipsy Blood*.

Alfred Hitchcock está preparando uma nova produção: *N.º 17*, tendo já escolhido um excelente núcleo de artistas: Leon M. Lion, Anne Grey (que tanto successo obteve com *The Calendar* e *The Mau at Six*), Donald Calthrop, Ann Casson, Henry Caine e Garry Morsh.

OS RENEGADOS

Super produção da FOX FILM
na próxima semana no

Aguia d'Ouro



Uma imagem do filme «Os Renegados»

Quem são estes homens que se batem por uma pátria estranha, às portas do deserto, com soberbo desprêso pela vida e que só a morte redime? Uns são criminosos, e não podem usar o seu nome, outros trocaram tudo por uma louca aventura de amor, que lhes aviltou a honra, outros ainda têm um passado tenebroso, sombrio, dramático, dominado pela vertigem do mal—roubaram, traíram, profanaram!

Todos estes homens, e são milhares dêles, que vieram de todas as partes do mundo, são soldados sob a bandeira da França. Pertencem à Legião Estrangeira que, em Marrocos, na zona de influencia desse país, repelem as tribus selvagens sempre desordenadas e revoltadas.

Aqui e ali, entre areias do deserto, reverberantes de sol, intensas de sede, alucinantes de miragem, esparsos, isolados, a distâncias de milhares de léguas, pequenos fortes defendidos por uma parca guarnição e todos entregues à Legião Estrangeira. Num dêles, precisamente, o forte de Almafá, estão presos quatro legionários, por um castigo qualquer que não importa. São êles Deucalion, ex-oficial do exército francês, traído por Eleonora, uma espia; Machwurth, alemão; Boloxi, americano e o russo Veloguine.

O forte é atacado, sendo indeciso o resultado da luta. ¿Vencem os rebeldes? E venciam: se os quatro renegados não fugissem da prisão para combater o inimigo tão heroicamente, que são condecorados pelo chefe supremo do exército francês. Há um, porém, que estremece ao receber a comenda. E' Deucalion, o ex-oficial, que vê ao lado do seu capitão a mulher que o perdeu, que o degradou, a voluptuosa e fascinante Eleonora. Bem depressa se apercebe das suas más intenções. Então, tenta vingar-se, como se vingam um homem da sua têmpera, irremediavelmente perdido para o mundo, naquele clima mortal de Africa: estrangulando-a.

Mas não o consegue, porque um policia intervem, morrendo em circunstancias misteriosas. Temendo que a morte do policia lhes possa ser imputada, três dos renegados fogem, caindo Boloxi nas mãos da justiça.

Eis o deserto, a sua intensidade, onde os homens, como as areias, se perdem, arrastados pelo simum. Deucalion torna-se chefe duma tribu árabe e, num golpe de audácia, rapta Eleonora, a terrível espia, entregando-a a um sargento para

que a trate como escrava. Isto é bizarro, mas certo na alma duma mulher; agora é ela que ama loucamente o ex-oficial, e, para se vingar do seu desprêso, capta a confiança dum caudilho árabe. Ao mesmo tempo, Machwurth e o seu companheiro, que andam com um grupo de rebeldes, são surpreendidos num contrabando de armas pela Legião Estrangeira, na área do forte de Almafá. A Legião resiste, mas bem depressa se vê cercada por um exército de ferozes guerrilheiros, comandados pelos renegados. E' então que Deucalion, acompanhado por Eleonora e o tal caudilho árabe, entra no forte, debaixo da bandeira branca de parlamentar. O que foi seu capitão, trata Deucalion por renegado. Ele verga sob a afronta, não sabendo se ha-de combater pela França ou contra a Legião, que odeia. Mas o amor da Pátria é mais forte! O caudilho árabe ordena então que recomece o combate.

¿ Quem vence? ¿ Como terminará êste drama de amor, de ódio, de traição? Eis o que não podemos revelar.

Fitas Faladas

(Conclusão)

magem dos interiores de «Ver e Amar» e «Maria do Mar»

O studio onde foi filmada a cena da costureirinha de «Ver e Amar» a calçar as meias. Lembram-se? Ora, se lembram!...

Pois êsse studio vai ser transformado em music-hall, para ser explorado pelo São Luiz, com sessões de variedades.

Ha pouco tempo foi vendido em leilão o studio da Invicta Film, do Porto.

E continuam pelos cafés a pôr em evidencia a necessidade de construção dum studio cinematográfico nacional...

Douglas Faz... bancos.

Passando em revista os

filmes da quinzena

Napoleão II (L'Aiglon)—Lá por um realizador ter, com um certo número de obras de valor, conquistado um nome e um lugar de destaque, não é razão para nos curvarmos sempre deante dele. Assim, Tourjansky, transpondo para a tela o drama de Rostand, cometeu uma falta grave e imperdoável... e um crime de lesa-cinema que merece as nossas amargas censuras. Eu bem sei que para o público português, apreciador de teatro, *Napoleão III* ofereceu-lhe uma excelente oportunidade para ver, e ver muito bem declamado, esse célebre e poeirento drama. Mas isso não me consola... «Será preciso repetir sempre—como escreve Altman—que o cinema tem a sua língua própria e meios que lhe são exclusivos—como o demonstrou, no curso da sua história, em obras-primas cinematográficas e que *perde tudo* copiando o teatro?»...

Temos de nos convencer que nasceu uma nova forma de espectáculo: a teatrografia

Estreado no Aguiá d'Ouro em 2 de Novembro.

Paris (Paris)—Se este filme tivesse aparecido entre nós nos primeiros dias do sonoro, talvez não tivesse desagradado. Agora já é tarde de mais para que o público não o receba com os mais desdenhosos bocejos.

Mam'zelle Nitouche—Eu vi *Mam'zelle Nitouche*, em Lisboa, pela primeira vez. E, ou porque não seguisse o filme com atenção, ou porque estivesse preocupado com qualquer coisa, o certo é que eu não soube então apreciar-lhe os méritos. Foi preciso, cá no Porto, voltar a ve-lo para me encantar com a leveza e a elegância dessa feliz e engraçada comédia de Carl Lamac e me deleitar com o trabalho magnifico dessa talentosa rapariga que é Anny Ondra. *Mam'zelle Nitouche* é uma fita deliciosa, muito bem feita, desenvolvendo-se numa harmonia perfeita e tendo a valoriza-la, além da viveza de Anny Ondra, o trabalho impecável de Karl Weiss. Estreado no Trindade em 4 de Novembro.

Em redor dum inquérito (Autour d'une enquête)—Eis um filme, um verdadeiro filme cinematográfico, um filme em que a camara volta, como nos tempos idos, a girar, a movimentar-se, captando o melhor plano, tomando o ângulo mais favorável, jámais estacionando de plantão como em tantas outras obras fonocinematográficas.

Não acho o argumento lá muito bem architectado, mas a sábia realização de Robert Siodmak e a sempre valiosa fiscalização de Erich Pommer, bastaram para tornar *Em redor dum inquérito* uma obra de grande valor e de muito notável beleza. O filme vale sobretudo pela *mise-en-scène*, onde a habilidade de Siodmak teve mais duma ocasião para se evidenciar largamente. Depois, o assunto está bem conduzido, interessa, emociona, e tem da parte de to-

dos os artistas uma interpretação impecável. Registo os planos da escadaria e a cena impressionante do interrogatório noturno—que, aliás, foi recebida com sorrisos estúpidos por certos espectadores... Lamento não poder alargar as minhas apreciações. Limito-me a dizer que gostei muito dos trabalhos de Richard Willm e de Jean Perrier; que Goston Modot, Bill-Bockett e Paul Olivier secundam-nos com muito acerto; que a fotografia é excelente, e que, enfim, se trata dum bom filme... mas que não deve ter agradado à maioria do público, que, hoje mais do que nunca, manifesta uma evidente preferência pelas comédias ligeiras. Estreado no Aguiá d'Ouro em 9 de Novembro.

O Vagabundo imortal (Der unsterbliche Lump)—Um bellissimo filme de Gustav Ucicky, cheio de pitoresco e de encantos, que serviu de pretexto para Gustav Froelich evidenciar o seu talento numa assombrosa actuação. (Vêr mais referências no número anterior da «Invicta-Cine»). Estreado no Olimpia em 9 de Novembro.

Margem Esquerda (Rive Gauche)—Um filme que pode entreter mas que tem muito poucas qualidades. Começa por o cenário ser tão mediocre como inverosímil é aquela história dum importante banqueiro entregar a sua filha—que ele queria conservar sempre ingénua e pura—à guarda duma mulher que ela sabia muito bem nunca ter sido um exemplo de virtude... pelo contrário... Depois, a realização está cheia de erros. O filme não tem sequência e desenrola-se duma maneira confusa e desharmoniosa. Alguns bons detalhes não bastam para diminuir a minha má impressão—Henry Garat mantém-se muito bonito, mas continuá sendo um tipo muito vulgar... Meg Lemonnier e Marcelle Praise tem aqui dois bons trabalhos.—Estreado no Trindade em 10 de Novembro.

A. C.

« O ESPÃO »

Sai hoje o primeiro número d'este semanário de reportagens e actualidades, dirigido pelo nosso colega do «Seculo» Jorge Ramos. «O Espião» será posto à venda em todas as Tabacarias e casas de jornais do Porto.

FOTOGRAFIA GUEDES

Primeiros premios em todas as exposições a que tem
: : concorrido : :
346-Rua de Santa Catarina-350

Mar-e-Alva — Porto—Eu já não me espanto com coisas dessas. Até já acho natural que os estrangeiros nos confundam com os espanhóis... e quando não fazem essa confusão é que eu me admiro. É tão vulgar vermos uma carta sobrescrita para Porto, Portugal, Espanha!... é tão vulgar, num artigo de jornal, numa notícia, num livro, misturarem portugueses e espanhóis, desconhecerem a nossa língua, a nossa civilização... que já nem merece a pena a gente incomodar-se. O peor é que o cinema sonoro às vezes também nos traz desses desgostos. Você viu o filme *Margem Esquerda*? Pois em determinada altura, quando o Henry Garat, num restaurante de Deauville, pede: *deux portos*... o dono da casa, com um sorrisinho malicioso, exclama: *oui, d'abord le soleil d'Espagne*...



Armando Peres — Porto—Muito e muito obrigado pelos novos assinantes que nos arranjou. Você é um amigo verdadeiro. Dê cá uma mãozada!

Flor dos Bosques—Porto—Com que então a minha flor acha que o Henry Garat é um pesegote mas que não chega aos calcanhares do Lars Hanson, o seu ideal masculino? Tem razão em preferir Lars Hanson, já não digo pelos dotes físicos, que a mim pouco interessam, mas pelas suas notabilíssimas qualidades artísticas. Mas não diga mal do Garat muito alto, senão as «meninas cinéfilas» caem-lhe em cima... e eu não respondo pela segurança das suas costas...

A sua promessa só me dá alegria. Conto pois com uma cartinha sua todas as quinzenas. Olhe, quando voltar a escrever-me, conte-me as suas impressões sobre os filmes que viu. Valeu?

O corpo do espirito de vinho—Porto—Estranhos personagens me batem à porta!... Se Você viesse engarrafadinho pegava em si e oferecia-o ao Lino... Assim, enodoando o papel, não me serve de nada. A direcção da *Cinédia* é: Cinedia Studios, Rua Abilio, 26—Rio de Janeiro.

Fonocinefobo—Coimbra—Desapareça-me da vista!... Lillian Bond está à espera que Você lhe escreva, nos Warners-First National Studios, Burbank, Calif. U. S. A. É conveniente mandar algum dinheiro. Pode escrever em português, mas será preferível fazê-lo em inglês.

Hei-de casar com ela—Porto—Não pense nisso! Muita vontade tem Você de se «enforcarem»! Olhe que depois do casamento o amor é uma coisa acessória. O que importa é o jantarzinho a horas, as camisas brundinhas, as gavetas arumadas, e os botões pregados nos casacos. O resto é secundario...

Não respondo a perguntas sobre a vida íntima dos artistas. Você desejando saber tais coisas, fazem-me pensar num apaixonado por música que perguntasse a uma revista musical se Beethoven tinha muitos pelos nas pernas ou se a D. Guilhermina Suggia come cebola... Valha-vos Deus...

Boemio—Porto—Não senhor, Al Jolson não abandonou o cinema. Esteve realmente algum tempo afastado dos estúdios mas vai agora filmar de novo para Sam Galdwyn. Registo a sua opinião sobre o filme *Napoleão II*. Você pensa exactamente como eu. Henry Garat está agora em Berlim hospedado na «Pensão Imperial». Creio que é melhor não lhe escrever por enquanto. Não vejo probabilidades dos filmes *David Golder*, *Jean de la Lune*, *Opera dos 4 vintens* e a *Melodia do Mundo* serem exibidos entre nós, pelo menos por enquanto. Não me maçou nada, tenho sempre muito gosto em palestrar com os meus leitores. Pode escrever-me quando quiser.

Melisande—Lisboa—A sua carta obrigou-me a ler o que lhe escrevera da ultima vez. Julguei que não me tivesse explicado bem, mas vi, afinal, quefoi Você que não leu com atenção o que lhe disse... porque, no final de contas, as nossas opiniões concordam. Se a sua justificada americanofilia não lhe impede de admirar e aplaudir um bom filme europeu, da mesma forma a minha europafilia, também justificada, não me impede de enaltecer um bom filme ameri-

cano... porque o que me interessa não é a nacionalidade dum obra cinematográfica, mas a maneira como ela está feita e as ideias que encerra. Todavia, acho nas boas obras europeias mais elevação artística e sobretudo mais profundidade. A America tem sempre em vista o

lado comercial das coisas. Isso, confesso, é em parte uma qualidade, porque o cinema deve o seu grande desenvolvimento ao seu lado mercantil... mas somos obrigados a reconhecer que é da velha Europa que saem as obras mais inteligentes e aquelas que mais influência exercem na vida artística do cinema. Eu sei muito bem que ao lado dum *Mithão*, dum *Tempestade na Asia* dum *Assim é a Vida*, dum *Paixão de Joana d'Arc*, duns *Nibelungos*, dum *4 de Infanteria*—a Europa também nos dá muita porcaria, muita fitinha genero *A Vida é bela*. Mas, filmes como este, eu condeno-os ainda com mais veemência do que qualquer mau filme americano, pode crer.

Sobre a publicidade que os americanos fazem aos seus artistas, eu dou-lhe razão, porque eles não fazem mais do que explorar e aproveitar a estupidez dum grande parte do público cinéfilo de todo o mundo, U. S. A. incluídos.

Se os cinéfilos se interessassem menos pelas vidas íntimas dos artistas; se fossem ao cinema ver *um filme* e não as pernas das «estrelas»; se procurassem no cinema um alívio para o espirito e simultaneamente um deleite intelectual (que tanto se encontra num filme psicológico, comonum filme cultural, num filme satírico, num filme comico ou num filme-fantasia, quando inteligentemente feitos), então outro rumo isto tomaria. Assim...

Não. *Napoleon II* não é uma obra magistral, é mais um lamentavel exemplo duma triste, forma de espectáculo: a teatografia.

Oh diabo! Estava tão distraído a palestrar consigo que nem reparei na extensão desta resposta. Ainda queria dizer-lhe não sei que mais, mas fica para outra vez. Até breve Melisande.

Zinom—Ponta Delgada—Obrigado pela sua carta e pelas rectificações. Fui eu quem cometeu o erro de trocar o titulo do filme *A Carne é Fraca* por a *Tortura da Carne* ao passar à maquina a carta do sr. J. F. Realmente eram dignos de destaque os filmes *Aurora*, *Aldeia do Pecado*, *A Marcha Nupcial*, *A Grande Culpa*, *Bairro Latino* e *Teatro* alem dos mencionados por aquele senhor. Dê-me sempre o prazer de receber noticias suas.

Estudante Cinefilonudista—Porto—Com que então Você gostou da Capital? Foi pena não ter ido nessa noite ao Tivoli porque encontraria muita gente de cá.

Sou da sua opinião a respeito de *Loucura de Monte-Carlo* e *Calais-Douvres*. Mas olhe que uma grande parte do público é de parecer contrário ao nosso, não sei porquê. De acordo, tambem, com a sua critica a *Mam'zelle Nitouche*. Veja na secção «passando em revista os filmes da quinzena» as referencias aos filmes *Napoleão II* e *A Canção do Bandido*. Não lhe posso dizer nada com respeito à vida particular de Lillian Harvey. E contra os meus princípios meter-me na vida alheia... Quanto às «historias» que quer que lhe conte, tenha paciência... mas aqui não pode ser. Até à semana. Cá fico esperando a outra carta.

Amok.

FOTOGRAFIA GUEDES

Primeiros premios em todas as exposições a que tem concorrido

346-Rua de Santa Catarina-350

OLYMPIA

apresenta na proxima 2.^a feira a

Super-produção da Paramount

HOMICIDIO

— c o m —

CLAUDETTE COLBERT

e

FREDERIC MARCH

TODO FALADO EM FRANGÊS

A propósito do filme

“Matou”

(Conclusão)

Der Montag:

«Lang faz agir novos metodos, aperfeicoando todos os detalhes. O assalto ao Banco é perfeito».

Deutsche Allgemeine Zeitung:

«A exibição foi cortada com entusiasticos aplausos e coroada com aplausos freneticos».

Morgenpost, Berlin:

«... uma absoluta segurança de realização... Inultrapassável representação do meio criminal...»

Berliner Lokal-Angeizer:

«A encenação do filme é extraordinária. Um filme fundido num só bloco com o impulso duma avalanche...»

«8-Uhr-Abendblatt:

«E' uma maravilha de tecnica... Esplendida a razia, habilíssima a execução, curiosíssima a tecnica policial».

Nachtausgabe:

«Quando um encenador como Fritz Lang e uma escritora como Thea von Harbon escolhem um assunto para um filme, pode ter-se a certeza que êsse assunto é original, interessante e moderno».

Lichtbildluhne:

«Devemos saudar S. Nehenzahl, Harben e Fritz Lang, e os directores Glask e Graf, a quem está confiado um tal filme».

Filmkurier:

«E' o maior filme de Fritz Lang... E' um filme alemão digno de entrar em compita com os melhores filmes mundiais».

Lichtbildluhne:

«Há muito tempo que não aparece no «écran» um filme desta categoria...»

E' um filme do qual, sem hesitações, se pode dizer que bateu completamente a melhor criação dêste ano.

«O filme é um grande drama... a figura do assassino só poderia ter sido criada por um grande poeta. E' esta a superioridade dêste filme sobre outros filmes em que se trata de criminosos como «Mabrese» e os «Espíões».

На capa: June Collyer, formosa artista do elenco Paramount que esta temporada nos aparecerá em vários filmes.



M

MATOU!

PRODUÇÃO
NERO-FILM
DISTRIBUIÇÃO

DA

A OBRA-PRIMA
DE
FRITZ LANG

AGÊNCIA CINEMATOGRAFICA